

47 ANOS DE CRÍTICA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DA OBRA DE PAULO LEMINSKI NA IMPRENSA

47 YEARS OF CRITICISM: AN ANALYSIS OF THE RECEPTION OF PAULO LEMINSKI'S WORK IN THE PRESS

Janina Rodas
Mestre em Estudos Literários
Universidade Federal do Paraná
(janinards@gmail.com)

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo da recepção crítica da obra de Paulo Leminski feito a partir do levantamento de textos escritos sobre o autor na imprensa, entre os quais estão incluídas críticas literárias. A pesquisa foi realizada nos jornais **O Globo** e **O Estado de S. Paulo** permeando um total de 47 anos de imprensa. Com este estudo foi possível perceber a mudança de foco de interesse e abordagem dos jornais sobre a obra e vida pessoal do autor ao longo dos anos, especialmente após sua prematura morte.

Palavras-chave: Jornalismo. Crítica literária. Paulo Leminski. Imprensa brasileira.

ABSTRACT: This paper presents a study of the critical reception of the work of Paulo Leminski considering the collection of texts written about the author in the press, including literary criticism. The research was made into the archives of the newspapers **O Globo** and **O Estado de S. Paulo**, comprising a total of 47 years of press material. This study made possible to notice the change of focus and approach of the newspapers about the author, his work, and personal life over the years, especially after his premature death.

Keywords: Journalism. Literary criticism. Paulo Leminski. Brazilian press.

Em 1989 o inverno chegou mais cedo para a poesia. No dia 07 de junho daquele ano, um dos mais acalorados poetas da geração 70 deixava de existir. Fonte catalisadora de debates e polêmicas, tanto em vida, quanto após sua morte, Paulo Leminski ainda hoje se apresenta aos olhos do leitor como uma figura controversa. Enquanto o mito do poeta maldito parece fazer frente a muitas das leituras de suas obras, seus trabalhos revelam uma índole disciplinada, erudita e crítica.

Tendo vivido intensamente seus 44 anos, produziu todo tipo de arte e ofício que a palavra lhe possibilitasse. Foram 10 livros de poesia, três de prosa, quatro biografias, quatro grandes traduções, diversas composições musicais, palestras, cursos, slogans, textos em jornais e ainda deixou um rico material inédito que veio a se transformar em outros livros publicados após sua morte.

Com tamanha produção e participação na vida pública, intelectual e artística de sua época, o trabalho de Leminski tem gerado ano após ano diversos estudos acadêmicos, polêmicas entre críticos e até mesmo, mais recentemente, fenômenos no mercado editorial. Desta forma, uma investigação sobre a recepção crítica de Paulo Leminski na grande imprensa se fez necessária para melhor compreensão de sua recepção através de quase meio século de produção crítica e jornalística.

Para tanto, apresentamos esta pesquisa que compreendeu dois grandes jornais brasileiros do eixo Rio - São Paulo: **O Globo** e **O Estado de S. Paulo**. A escolha destes dois periódicos se deu por conta da disponibilidade de ambos em formato digital, o que permitiu uma pesquisa extensa e completa, ou seja, não por amostragem, e também por serem representativos dos dois estados, fora o Paraná, onde Leminski teve maior atuação artística e profissional.

Metodologia

Utilizando o acervo digital dos jornais **O Globo** e **O Estado de S. Paulo**, fez-se um levantamento quantitativo de todos os registros encontrados para o termo de busca: “Leminski” a partir da década de 1966 (ano do primeiro registro encontrado) até 2013. Os resultados foram tabulados e classificados de acordo com a definição de José Marques de Mello (2003) para textos jornalísticos, ou seja, aqueles que se definem como opinião e informativos.

Tendo em mãos essa primeira classificação, reservou-se as críticas (jornalismo opinativo) para comentários, considerando posicionamentos críticos, juízos de valor, estilo e qualidade do texto, como também informações relevantes encontradas nos textos.

Resultados da Pesquisa

A partir dos dados coletados nesta pesquisa, foi possível perceber que a presença de Leminski na grande mídia nunca foi pequena. Desde a década de 60 seu nome já era referenciado nos jornais e a partir da década de 80 passou a chamar a atenção da crítica e do jornalismo informativo, figurando em diversas notícias da época. Os resultados gerais da pesquisa são os seguintes:

Tabela 1

O Globo contagem por década		
	Crítica	Todos
1960	0	2
1970	2	4
1980	6	42
1990	7	79
2000	2	96
2010	4	175
Total	21	398

O Globo retornos críticos e total de retornos

Tabela 2

O Estado de S. Paulo contagem por década		
	Crítica	Todos
1960	0	1
1980	8	77
1990	2	74
2000	1	103
2010	4	58
Total	15	313

O Estado de S. Paulo retornos críticos e total de retornos

Os resultados considerados críticas são aqueles referentes a críticas literárias ou a reportagens e notícias importantes sobre Leminski com tom de opinião, já os no campo “Todos” referem-se a todos os retornos para o nome Leminski nos jornais pesquisados, ou seja, desde citações diversas, como em entrevistas com outros escritores, agenda de espetáculos, crônicas ou até mesmo poemas ou textos de autoria do próprio Leminski.

Para melhor entender estes resultados e compreender a abordagem da crítica em relação à obra de Leminski, serão analisadas as críticas e resenhas por década e jornal.

Década de 60

Nesta década não foi encontrado nenhum resultado crítico para Paulo Leminski tanto no **Globo**, quanto no **Estado**, porém no jornal carioca observamos

duas notícias que citam Leminski e servem de registro na imprensa nacional de seus primeiros passos enquanto poeta, por isso merecem uma observação neste artigo. A primeira delas chama-se: “Estudante da PUC ganha Prêmio Esso de Literatura”, de 09 de junho de 1966, onde no texto o nome de Paulo Leminski Filho é citado ao receber uma menção honrosa pelo poema “É preciso o belo, é preciso”.

Três anos depois, em 22 de novembro de 1969, Paulo Leminski, volta a ser citado no **Globo**, não mais como o estudante da Faculdade de Filosofia e sim como um poeta reconhecido que divide as páginas do **Jornal do Escritor** com Décio Pignatari, como pode ser visto na frase publicada: “Nesse mesmo número, Paulo Leminski abre o debate das vanguardas” (JORNAL DO..., 1969, p. 12). É interessante notar a mudança de tom ao comparar as duas matérias: na primeira Leminski figurava como mais um novo nome em meio a tantos outros e ainda era chamado por seu nome completo, já na segunda, este dispensa explicações e já se faz importante a ponto de abrir o debate sobre as vanguardas na edição.

Já no **Estadão** tem-se apenas uma menção ao nome de Leminski nesta época, no **Suplemento Literário** de 06 de maio de 1967 em um artigo de página inteira, sem imagens ou anúncio publicitário, diagramação típica representante da austeridade do caderno, analisando a poesia brasileira. No artigo assinado por Eliston Altmann, o autor destaca Leminski pelo seu trabalho poético publicado na revista **Invenção 4**, dos concretistas.

Década de 70

Na década de 70, encontramos quatro resultados de textos jornalísticos que citam Leminski no **Globo**, sendo dois destes apropriados para comentários. O primeiro data de 31 de janeiro de 1976 e destaca no topo da página o livro **Catatau**, contendo, inclusive a peça publicitária de divulgação, onde é possível ler a frase “O Leminski está tão empenhado em lançar o Catatau que empenhou até a roupa. Mesmo assim está faltando grana” (CATATAU..., 1976, p. 39). Seguido da frase tem-se o texto de divulgação e a foto do Leminski sem roupa. Abaixo do cartaz apresenta-se o texto jornalístico intitulado “Catatau Uma aventura na linguagem”. Sem assinatura o texto repete frases do próprio Leminski em sua explicação sobre o livro deixando o leitor da matéria confuso em relação à obra, portanto, este texto foi considerado notícia

(informativo) e não crítica, já que não se trabalha o texto literário em si, mas figura nesta análise por ser um dos primeiros registros de destaque da obra de Leminski.

Já em 10 de setembro de 1978, quatro anos após o lançamento de **Catatau** uma crítica, propriamente dita, aparece nas páginas do **Globo** intitulada “A literatura destronada (A literatura reconstruída)”, de Ivan da Costa. Neste artigo o livro é analisado a partir de seu enredo, ou ideia principal, e apresentado para o leitor como uma obra prima da vanguarda, destacando seu trabalho com a linguagem. Ao final do texto, o autor escreve: “Paulo Leminski quer destronar a literatura. Mas de modo implacavelmente construtivo” (COSTA, 1978, p. 8).

Já no **Estadão** neste período não encontramos nenhuma crítica ou notícia de grande destaque para Leminski, portanto consideramos que não houve atenção ao Leminski por parte deste jornal nos anos 70.

Década de 80

Nesta, que foi a década que contou com a maior produção intelectual de Leminski, temos o primeiro grande volume de críticas, sendo todas enquanto o poeta ainda vivia. A justificativa para tamanho retorno nos jornais vem da própria produção de Leminski durante os anos 80, quando não apenas lançou poemas, mas também participou de eventos, composições, shows, palestras, fez diversas traduções, lançou as biografias, participou do movimento das “Diretas Já”, inclusive criando o “Hino das Diretas” em parceria com Moraes Moreira, entre outros feitos que lhe garantiram um lugar de destaque na mídia.

A primeira crítica encontrada no **Globo** data de 30 de dezembro de 1984, sob o título de “Estilhaços (que o leitor poderá remontar)”, de Fernando Py, sobre a obra **Agora é que são elas**. No texto o autor analisa a desarticulação do processo narrativo proposto por Leminski e o diálogo com Propp na obra, avaliando de forma positiva o resultado final: “O livro é, assim, um mosaico à primeira vista disparatado, mas que se revela, a uma leitura atenta, um conjunto bastante consistente de estilhaços que o leitor é convidado a remontar. À sua maneira” (PY, 1984, p. 7).

O próximo resultado data de 17 de março de 1985 e trata da tradução **Um atrapalho no trabalho** do livro de John Lennon. Este artigo é assinado por Antonio Fernando Borges e intitulado de forma a deixar clara a posição do autor em relação à

obra: “O trabalho ruim de Lennon ainda é atrapalhado pelo toque de Leminski”. Nesta crítica negativa, o autor afirma que o texto de Lennon é superestimado por se assemelhar as “estripulias linguísticas” (BORGES, 1985, p.7) de James Joyce, o qual o autor também parece em vários momentos desprezar e que a tradução de Leminski peca por imprimir ao texto uma marca autoral. Neste caso, vale a pena transcrever um trecho mais longo da crítica:

A tradução de Paulo Leminski representa um “atrapalho” a mais no trabalho equívoco de Lennon. Nascido à sombra da poesia concreta paulista, Leminski, enquanto tradutor, atua como um Midas às avessas: todo texto em que toca perde logo o brilho original para ganhar uma exclusiva “marca leminskiana” (BORGES, 1985, p. 7).

Este trecho e outros semelhantes do texto mostram uma posição do autor contrária à escola de tradução dos irmãos Campos, que pregava uma interferência no texto traduzido como uma recriação do mesmo, bem como, da necessidade de colocar Leminski em uma situação menor, lembrando que ele nasceu “à sombra” da vanguarda paulistana de poesia. Porém ao final do texto o autor ameniza o tom afirmando que, talvez o maior erro de Leminski tenha sido levar tão a sério um texto que não merecia tal tratamento (BORGES, 1985).

Já em 15 de dezembro do mesmo ano, outro texto sobre Leminski enquanto tradutor surge no **Globo**, desta vez abordando a tradução de **Satyricon**. O texto é de autoria de Luiz Garcia e é intitulado: “Lamente-se, mas Leminski perdeu seu latim”. Apesar do título que indica, a princípio, uma crítica negativa, esta se dedica mais a elogiar o trabalho tradutório de Leminski por não censurar o baixo latim da obra do que a apontar pontos negativos, entretanto, ao final do texto, o autor diz que o erro de Leminski foi se utilizar de gírias e termos da época para compor muitas partes da tradução, como pode ser verificado no trecho: “Se alguém despe a toga para ‘transar’, uma das duas é falsa: ou a toga, ou a ‘transa’” (GARCIA, 1985, p. 7). Afirma ainda que este tipo de aproximação com a realidade do momento presente da tradução mais afasta o leitor do que o aproxima.

Em 17 de abril de 1986, outra tradução de Leminski ganha as páginas do **Globo**, desta vez é a obra **Malone morre**. Na resenha de Carlos Menezes intitulada “Malone, de Beckett em bitradução”, o autor se demora mais em apresentar a vida e obra do escritor traduzido do que na própria tradução em si, apesar de mencioná-la

no título. As poucas menções ao trabalho tradutório de Leminski encontradas são as declarações do próprio poeta e tradutor sobre seu processo de tradução.

Já no dia 07 de dezembro de 1986, ainda no **Globo**, é a vez da biografia de Trotski, escrita por Leminski, virar notícia. No texto “Os aspectos mais sutis na trajetória de Trotski”, de Leandro Konder. A obra de Leminski é elogiada, não por se ater aos detalhes íntimos da vida do biografado, mas justamente por dar um panorama da importância deste para a sociedade de sua época, além disso, elogia a linguagem agradável e as “formulações muitas vezes cortantes e incisivas” do autor (KONDER, 1986, p. 11).

No ano seguinte, a crítica que aparece no **Globo** é sobre o livro de poemas **Distraídos venceremos**, intitulada de “A distração no enigma poético” de Tereza Teles, em 05 de julho. No artigo a autora transcreve diversos poemas do livro e elogia a linguagem simples e afiada de Leminski, afirmando que “‘Distraídos Venceremos’ logo nos primeiros poemas nos seduz à leitura, pela crítica que faz de seu tempo e, principalmente, pelo trabalho artesanal com as palavras” (TELES, 1987, p. 11).

No **Estadão**, na década de 80, o primeiro retorno data de 28 de novembro de 1984 e trata da obra **Agora é que são elas**, assim como no **Globo**, porém neste texto tem-se mais o aspecto informativo do que a análise crítica, tanto que não possui assinatura. Sob o título de “Paulo Leminski lança uma obra de ‘reficção’”, o autor expõe o roteiro básico da história narrada e algumas referências, porém faz um apontamento sobre a primeira edição ter sido esgotada: “Curioso, como lembra Leminski, é que o lançamento acontece agora na segunda edição do livro já que a primeira uma vez distribuída se esgotou em pouco tempo” (PAULO LEMINSKI..., 1984, p. 17).

Em 25 de março do mesmo ano a biografia de Bashô é resenhada por Luiz Carlos Lisboa, no texto: “Bashô e o sentido da vida” onde o autor dedica a primeira parte da crítica para explicar quem foi Bashô e as significações da poesia oriental e na segunda parte a elogiar o trabalho de Leminski, que não só tratou da biografia, mas também de toda a cultura zen e sua poesia.

Já no dia 03 de junho de 1984 outra biografia de Leminski ganha as páginas do **Estadão**, no texto intitulado: “Jesus sob a óptica de Paulo Leminski”, nele a autora Luiza de Maria explica as intenções de Leminski ao realizar a biografia e em meio a

elogios sobre a precisão das informações no texto conclui de forma a desejar um pouco mais de poesia:

Do ponto de vista informativo, os propósitos do autor são plenamente realizados, mas um leitor do Leminski-poeta, que tenha lido anteriormente o seu *Bashô – A lágrima do Peixe* (da mesma série) corre o risco de, em meio a esta extraordinária profusão de dados históricos, chegar à última página um tanto nostálgico de poesia (MARIA, 1984, p. 171).

Em 03 de fevereiro de 1985, **Agora é que são elas** é novamente tema no **Estadão**, desta vez em um texto assinado por Dinorath do Vale, intitulado “O romance-fuga de Paulo Leminski”, nele a autora elogia o livro, traz diversas passagens do original e apresenta uma nova informação: a de que a obra fora encomendado pela editora e seu autor recebeu pagamento mensal. Interessante também notar que o texto inicia de forma diversa dos outros, apresentando Leminski como autor de música e não poeta, da seguinte forma: “Agora é que São Elas é um romance do letrista de ‘Xixi nas estrelas’, o paranaense Paulo Leminski” (VALE, 1985, p. 9).

A tradução de John Lennon aparece em tom noticioso no dia 01 de março de 1985 no **Estadão**, sob o título “Vinte anos mais tarde, a outra face do mito”. Neste texto não assinado tem-se um tratamento cordial com o tradutor e com a obra, até mesmo entusiasta e ainda contempla a informação de um evento de lançamento com show dedicado a Lennon.

Em 24 de dezembro de 1985, no mesmo jornal, uma resenha, sem assinatura, sobre a tradução de **Satyricon** sai sob o título de: “Satyricon traduzido direto do latim popular”. O texto se atém às declarações de Leminski sobre a obra e preza pelo tom informativo, além de referenciar todos os 15 livros que Leminski havia publicado até então, como recurso de credibilidade muito utilizado no jornalismo para provar a autoridade do tradutor no assunto em questão.

No dia 03 de janeiro de 1987, a tradução de **Satyricon** por Leminski recebe uma página inteira com artigo crítico de Zélia de Almeida Cardoso, professora de Literatura Latina da USP. Neste artigo a autora dedica grande parte ao estudo e explicação da obra e no último parágrafo direciona a atenção à tradução de Paulo Leminski, onde afirma que o tradutor talvez tenha exagerado na linguagem baixa e mesmo na reinterpretação de alguns sentidos, mas ao contrário do artigo do **Globo**,

ela afirma que isso é uma coisa boa, já que a tradução, como afirma o próprio Leminski, não foi feita para especialistas, mas sim para cativar os leitores da geração atual, esforço o qual, a autora elogia.

Em 12 de julho de 1987, **Distraídos Venceremos** é o tema da crítica de Flora Figueiredo sob o título de “Rimas, hai-cais e compulsão. Leminski voltou”. Neste texto entusiasmado, a autora defende a poesia praticada por Leminski e afirma que **Caprichos e Relaxos** foi um sucesso, (em diversos outros textos que não são contabilizados enquanto crítica, mas foram encontrados e lidos na pesquisa, os livros de Leminski são sempre considerados sucesso de vendas, pois se esgotam em pouco tempo após seu lançamento). Nesta crítica a autora afirma que Leminski não se prende a nenhuma escola ou tema, mas que faz sua poesia de maneira livre e fascinante: “Parece ter poesia dentro dele, de forma latente e subcutânea. De sua criatividade intensa, fica a impressão de que o papel e as letras são insuficientes para contê-lo” (FIGUEIREDO, 1987, p. 5). A autora também faz um breve percurso histórico pela vida e obra de Leminski lembrando que este participou ativamente do movimento de poesia concreta nos anos 60.

Década de 90

A década de 90 no **Globo** apresenta muitos resultados noticiosos para Leminski, principalmente por conta da criação do evento Perhappiness, que teve uma edição “franqueada” para o Paço Imperial no Rio de Janeiro, e também por conta de peças e adaptações de seus trabalhos, figurando muito nas páginas de agenda cultural do jornal, mas também há crítica. A primeira delas é de 21 de abril de 1991 e trata do lançamento de **La vie em close**. O texto de Lucio Agra, intitulado “O ‘samurai’ de Curitiba” faz uma defesa da obra de Leminski e elogios ao livro póstumo, com diversos poemas em destaque. Quanto à facilidade aparente dos hai-kais de Leminski, o autor escreve: “Mas uma coisa é a avalanche de poetas que cresce em progressão geométrica. Outra é o burilar do diamante da brevidade, no qual Leminski empenhou-se por toda a vida, tendo alcançado, neste livro, momentos inigualáveis” (AGRA, 1991, p. 5).

No ano seguinte, em 21 de junho, uma resenha assinada por Rosane Preciosa trata do livro de Régis Bonvicino com correspondências trocadas entre ele e Leminski.

No texto intitulado de “Cartas e poesias de Paulo Leminski”, a autora comenta aspectos da vida do poeta encontrados no livro, que a época se chamava “Uma carta, uma brasa através”, sempre à luz de sua poesia.

Dois anos depois, em 10 de abril de 1994 um novo livro póstumo de Leminski é tema da crítica jornalística, desta vez é o **Metaformose**. No artigo “Leminski faz elogio da fábula”, de Geraldo Carneiro, o autor explica a obra para leitores que não conhecem o tipo de ensaio de Leminski, ou seja, que não se espere uma obra acadêmica de referência sobre a mitologia; argumenta a favor das provocações encontradas e principalmente o texto de abertura, além disso, o autor usa o texto de Leminski para alfinetar a política do momento:

No Olimpo made in Brazil de tantas divindades empenhadas na conservação dos próprios privilégios e na malversação dos dinheiros públicos, é impossível não pensar nas origens arcaicas do pavor provocado na corte quando um deus metalúrgico emerge dos infernos e aspira ao trono de Zeus. É ou não é? (CARNEIRO, 1994, p. 7).

Em 22 de junho de 1996, meia página do **Globo** é preenchida com o texto de Martha Mamede Batalha dedicado ao lançamento de **O ex-estranho**. O texto chama-se “Inéditos de Leminski trazem ‘overdose’ de vida” e aborda questões do estranhamento da modernidade presente no livro, traz diversos poemas e aponta que estes foram escritos quando o autor já tinha tomado uma “overdose” de vida e se sacrificado pela poesia, transparecendo isso em seus versos. Apesar de elogioso o artigo deixa a desejar por não se aprofundar em nenhuma questão do texto poético propriamente dito e focar mais na vida do que na obra, além disso, afirma que **Catatau** é um passo além de Joyce e Guimarães Rosa, sem maiores explicações para tal indicação, na verdade ela provavelmente foi retirada da apresentação de **O ex-estranho** de Geraldo Pougy, afirmação esta que Wilson Martins irá criticar em novembro do mesmo ano.

Em 30 de novembro de 1996 o artigo assinado por Wilson Martins recebe, também, meia página no **Globo**, intitulado “O culto delirante em torno de Leminski”. Neste artigo que pelo título e gravata (jargão jornalístico para indicar o texto abaixo do título): “Crítica hiperbólica vê na obra do poeta curitibano um passo além da renovação de Joyce e Guimarães Rosa”, promete um ataque de peso à obra de Leminski, mas acaba dedicando apenas um parágrafo a tratar do mesmo, demorando-se em

comparações com a coroação de Emiliano Pernetta e na citação de outros poetas conterrâneos de Curitiba. A posição de Wilson Martins em relação à Leminski fica clara, porém este não expõe as razões pelas quais a obra de Leminski não é tão importante quanto querem crer os críticos “hiperbólicos”.

No ano de 1999 duas menções à Leminski no **Globo** valem destaque: a primeira é uma reportagem sobre o lançamento do agora reeditado e renomeado para **Envie meu dicionário**, de Régis Bonvicino, chamada de “Caprichos e relaxos no diálogo entre dois poetas”, de 25 de abril, escrita por Paulo Roberto Pires em formato jornalístico, mesclando declarações de Bonvicino a trechos do texto e informações diversas. Em 28 de agosto do mesmo ano outra crítica de Wilson Martins abordando Paulo Leminski, dessa vez mais direta, “responde” a esta primeira matéria. Intitulada “A arte da imitação”, também por ocasião do lançamento de **Envie meu dicionário**. Nela o crítico tece comentários muito negativos em relação às vanguardas, em especial a concretista, em um raciocínio que leva a entender que Leminski por ter se rebelado contra os concretos foi relegado à margem, permanecendo apenas a imagem de Leminski e não sua poesia. Em relação à recepção de **Catatau** pelos concretos Martins também escreve: “A acolhida negativa da trindade canônica provocou, como é natural, despeitada frustração em Leminski” (MARTINS, 1999, p. 4), sob este ritmo o texto de Martins continua até a conclusão de que: “O que ficou foi o personagem da vida literária, ainda hoje celebrado em cerimônias propiciatórias, missas solenes na Catedral Basílica de Curitiba e repetidos rituais de exorcismo” (MARTINS, 1999, p. 4).

Já no **Estadão**, a década de 90 traz poucos, mas relevantes textos críticos sobre a obra de Leminski. O primeiro deles é de Sônia Régis e trata do lançamento comemorativo de **Catatau**, em um artigo intitulado de “Gesta do signo verbal”, de 10 de novembro de 1990. Neste texto de página inteira a autora analisa as questões da oralidade presentes no texto ficcional de Leminski e elogia seu trabalho, confessando que nunca teve a oportunidade de escrever sobre o poeta achando que teria muito tempo para isso, mas foi surpreendida pela sua morte.

Em 22 de junho de 1996, o lançamento de **O ex-estranho** mereceu um artigo de meia página de Rodrigo Garcia Lopes, intitulado “‘O ex-estranho’ explora presença e ausência”. Nele o autor tece elogios à obra de Leminski, dizendo que esta nunca foi

propriamente reconhecida em um quase desabafo em relação à crítica que insiste em classificar Leminski como um autor menor. Também no texto, o autor expõe diversos poemas do livro analisando seus temas e linguagem.

Década de 2000

Na década de 2000 no **Globo**, tem-se muitos retornos para o nome de Leminski, mas poucas críticas, já que a maioria refere-se a agenda de espetáculos baseados na obra do autor, exposições e ainda citações de entrevistados de diversas áreas que mencionam o nome do poeta.

O primeiro retorno, mais noticioso do que crítico, data de 16 de junho de 2001 e é de autoria de Luciano Trigo, no texto “Estrela de brilho forte que incandesceu rápido”, o jornalista tece vários comentários à vida e obra de Leminski de forma a transparecer sua posição de que este mais foi um agitador cultural do que um bom poeta. Tais como: “Leminski era um poeta com momentos de rara inspiração, mas bastante limitado” (TRIGO, 2001, p. 4), ou ainda, “Felizmente seu papel não se limitou ao de escritor: foi também um agitador e pensador da cultura” (TRIGO, 2001, p. 4), entre outros. O texto foi escrito por ocasião do lançamento de **O bandido que sabia latim**, de Toninho Vaz, e contém uma entrevista com o biógrafo, na qual o jornalista também insiste neste posicionamento nas perguntas ao entrevistado.

O segundo e último retorno crítico no **Globo** nos anos 2000 data de 14 de maio de 2005 e traz um artigo assinado por José Castello intitulado de “Ensaio escavam a obra de Paulo Leminski”, por ocasião do lançamento da obra **A linha que nunca termina**, que reúne diferentes artigos a respeito da obra do poeta. A posição de Castello não é positiva em relação ao livro, afirmando por vezes que muitos são escritos por articulistas desamparados e que a obra de Leminski ao invés de abrir e clarificar um caminho para a poesia fez o contrário e a petrificou junto à sua imagem.

Na década de 2000, no **Estadão**, encontram-se também poucos resultados críticos para Leminski, em contraposição com muitas reportagens e matérias noticiosas, fossem essas por ocasião do lançamento da biografia; da comemoração de seus 60 anos, da exposição no Itaú Cultural ou até mesmo de uma reportagem especial sobre escritores alcoólatras. Todas receberam grande destaque nos jornais, ocupando páginas inteiras ou até mesmo as capas do **Caderno 2**, porém todas se

baseiam em informações biográficas mais do que em uma discussão da obra do poeta. A primeira e única crítica data de 08 de outubro de 2001 e chama-se “Obra de Leminski tem primeira edição comercial”, neste artigo de meia página o autor Romulo Valle Salvino tece explicações sobre a poética visual presente na nova edição de **Winterverno**, elogiando o trabalho que Leminski desenvolveu na publicação junto de João Suplicy e a iniciativa de reedição do livro por parte de Josely Vianna Batista.

2010 a 2013

Neste período temos novamente uma proliferação de resultados referentes ao nome de Leminski que mais se dão por adaptações para o cinema ou teatro de sua obra do que por análises críticas. Também há, no ano de 2013, uma menção semanal (no mínimo) ao seu nome na lista de mais vendidos, que figura do 5º ao 10º lugar pelo **Toda Poesia**.

A primeira crítica no **Globo** data de 30 de outubro de 2010 e figura na coluna semanal de José Miguel Wisnik. No texto intitulado “Catatau”, o autor elogia o trabalho de Leminski e faz comparações com outras obras que também deslocaram René Descartes de seu racionalismo. O texto tem como ponto factual o lançamento do filme **Ex-isto** inspirado na obra de Leminski, o qual Wisnik também elogia.

Em 2013 por ocasião do sucesso de vendas do **Toda Poesia**, Leminski recebe grande atenção no jornal carioca, com diversas reportagens noticiosas, mas também da crítica, como no artigo de Manoel Ricardo de Lima, “Poesia porosa”, de 23 de março, onde o autor traça um perfil de Leminski como alguém que sempre buscou a mudança em seus textos, onde sua poesia e personalidade selvagens são extremamente afinadas com a crítica ao seu tempo. “A sua poesia é uma articulação daquele que entende que, para operar o poema num enlace com a modernidade, é preciso constituir um processo histórico, impermanente, descontínuo e anacrônico: o que leva a nada” (LIMA, 2013, p. 6).

Em 27 de abril de 2013, outro artigo na mesma coluna de Wisnik aborda Leminski, desta vez para comentar o sucesso de vendas de **Toda Poesia**. Na coluna, o autor aborda muito do trabalho editorial para chamar a atenção nas prateleiras das livrarias (capa alaranjada e o bigode icônico), mas também diz que isso não explica necessariamente as vendas do livro, afirmando por fim, que este sucesso é uma

confirmação do renascimento do poeta e da necessidade de poesia que jovens de diferentes idades possuem atualmente.

No dia seguinte, em 28 de abril de 2013, Caetano Veloso em sua coluna no **Globo** dedica suas linhas para falar de “Leminski!”, por ocasião, também, do sucesso de vendas do **Toda Poesia**. No texto da coluna, o músico se ocupa das memórias da casa de madeira em que Leminski habitava com sua família e que deixava o cantor perplexo por não ter aquecimento (como a maioria na cidade, principalmente na época) e menções à letra de **Verdura** (que ocupam grande parte da coluna), mas Caetano também elogia a prosa de **Catatau** e de **Agora é que são elas**, mas não se demora na questão da poesia, apenas indicando contentamento de que esta começou a vender bem no Brasil com o lançamento da Companhia das Letras.

Já no **Estadão**, nos três primeiros anos da década, ao contrário do **Globo**, o jornal dá destaque a Leminski tanto em 2011, quanto 2012 e 2013, porém, poucos são aqueles resultados que caracterizam crítica literária e de poesia em si. Muitos se resumem a reproduções de releases (visto que se repetem nos dois jornais) e a informações noticiosas da vida do escritor. Mas ainda assim há crítica, como no texto de Alcides Villaça de 03 de março de 2012, por ocasião da reedição de **Agora é que são elas**. No artigo de meia página, “Caleidoscópio de palavras”, publicado no caderno cultural **Sabático**, o crítico analisa o romance enquanto diálogo com a literatura e afirma que “Leminski não está escrevendo sobre o impasse da ficção moderna; está vivendo-o, na justa medida em que o produz” (VILLAÇA, 2012, p. S3).

No ano seguinte, em 16 de fevereiro de 2013, novamente o **Sabático** traz uma edição especial dedicada à Leminski, com textos de Ricardo Corona e Antonio Gonçalves Filho. Apesar do tom biográfico do segundo e da crítica à demora na edição dos textos poéticos completos do primeiro, os textos são interessantes, pois trazem diversos depoimentos e informações “inéditas” ou pelo menos não amplamente repetidas nos jornais, como também são publicados antes do **Toda Poesia** ter se tornado um fenômeno de vendas.

Em 14 de dezembro do mesmo ano o último texto de viés crítico encontrado sobre Leminski é de autoria de Ricardo Corona e trata do lançamento de **Vida**. Apesar de ter sido publicado no mesmo ano do sucesso editorial de **Toda Poesia** não recebeu o mesmo destaque na mídia. Este artigo intitulado “A audácia ficcional de Leminski na

biografia”, por exemplo, encontra-se no rodapé da página, ao contrário dos outros, mesmo aqueles publicados antes de 2013, que figuravam em uma posição de destaque. O autor aponta a habilidade ficcional do texto biográfico de Leminski e a sábia reunião das quatro biografias em um só volume, como desejou o poeta. “As biografias escritas por Leminski assumem um pertencimento mais propriamente da literatura, da escrita criativa, ao passo que, maravilhosamente, não se furtam do acesso à história” (CORONA, 2013, p. C4).

Considerações finais

Este trabalho contou com uma pesquisa de 47 anos de reportagens, notícias, críticas, citações, eventos, entre outros publicados na imprensa sobre a obra de Paulo Leminski. No recorte feito foi dada atenção à crítica sobre sua obra, porém não podemos deixar de apontar algumas informações e observações provenientes de outros textos encontrados na pesquisa, e que não figuram enquanto crítica, que talvez nos ajudem a compreender ainda melhor a recepção do poeta.

A primeira das observações a se fazer é relativa à temporalidade das críticas sobre a obra de Leminski. Notamos na pesquisa, que muita de sua obra recebeu a devida atenção da crítica no momento em que era publicada ainda em vida, e era tratada de forma séria pelos críticos, fosse sob um viés positivo ou negativo, já após sua morte, todo lançamento de livro inédito ou reedição também recebia destaque fosse através reportagens informativas ou de críticas.

Quanto às reportagens, notícias e matérias factuais, vale ressaltar que estas ocorrem com maior frequência, em detrimento dos textos críticos, a partir da década de 90, pois são reflexo do jornalismo praticado no Brasil a partir desta época, quando a crítica e a análise atemporal de textos literários (assim como outras áreas culturais) perde espaço para uma mercantilização da cultura e um texto mais ligeiro, de fácil absorção para o leitor. Sobre esse comportamento do jornal, Marcelo Coelho escreve:

Surge, então, uma outra distorção: supostamente, estávamos dando esse destaque todo (reportagens informativas, noticiosas e não crítica) porque é do “interesse do público”. Porém, terminamos atendendo, na verdade, ao interesse do mercado (LINDOSO, 2007, p. 90).

É nesse contexto que encontramos, também, diversas matérias repetidas, pois são claramente fruto de releases (textos de divulgação da editora) e que mesmo

assim são apresentadas como originais, ou seja, estão assinadas. Outro ponto é o excesso de informações repetidas e reforçadas a partir da década de 90, quando se encontra um reforço noticioso da imprensa ao tratar de Leminski como um poeta marginal, maldito e alcoólatra com índole autodestrutiva, em oposição à imagem vinculada na imprensa nos anos 70 e 80 de um poeta que fazia parte da contracultura, mas que era extremamente produtivo, erudito e criativo quando se tratava de sua obra literária. Será tal comportamento um reflexo da mudança dos tempos e dos valores do que é notícia para o jornalismo?

Quanto à interpretação de sua obra, principalmente após anos 90, poucos são os artigos encontrados que realmente trazem uma leitura imparcial e original da obra de Leminski, a maioria parece ter bebido na mesma fonte, reforçando as ideias acima explicitadas e/ou defendendo ou atacando uma posição referente a escolas literárias e correntes vanguardistas.

Outro ponto a ser mencionado se dá por ocasião do lançamento da biografia de Leminski escrita por Toninho Vaz, quando temos mais um exemplo da mercantilização da cultura e do sensacionalismo que o jornalismo cultural acaba cometendo hoje em dia: na capa do **Caderno 2** no **Estadão**, e em matéria de meia página no **Globo**, ambas dão destaque ao filho “ilegítimo” do poeta, como se este fosse o grande mote da biografia.

Informações equivocadas também surgem a perder de vista em todos os períodos pesquisados, desde a idade com que o poeta morreu até o esporte que praticava, sendo muitas vezes confundido com Karatê, sua época de envolvimento com os concretistas, sua primeira obra publicada, que é considerada por vezes o **Catatau**, entre outros.

A partir dos resultados e da análise dos dados dessa pesquisa chega-se à conclusão de que Paulo Leminski sempre esteve de uma forma ou de outra, noticiado nos jornais. A publicação de **Toda Poesia**, deu sim maior visibilidade para o autor, mas esta não veio com o aparato crítico equivalente, sendo mais comum menções noticiosas, comentários de amigos e escritores do que análises precisas sobre a obra. Porém, apesar das poucas críticas, percebe-se que seus outros livros receberam a devida atenção nesses dois jornais que servem de uma pequena amostragem da crítica no calor da hora sobre a obra de Leminski. Esperamos que estes dados possam

servir de informação para novos estudos e questionamentos da obra de um poeta pleno, como Paulo Leminski.

Referências

AGRA, L. O 'SAMURAI' de Curitiba. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 5, 21 abr. 1985.

BORGES, F. A. O TRABALHO ruim de Lennon ainda é atrapalhado pelo toque de Leminski. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 17 mar. 1985.

CARNEIRO, G. LEMINSKI faz elogio da fábula. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 20 abr. 1994.

CATATAU uma aventura na linguagem. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 39, 31 jan. 1976.

CORONA, R. A AUDÁCIA ficcional de Leminski na biografia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. C4, 14 dez. 2013.

COSTA, I. A LITERATURA destronada (a literatura reconstruída). **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 10 set. 1978.

FIGUEIREDO, F. RIMAS, hai-cais e compulsão. Leminski voltou. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 12 jun. 1987.

GARCIA, L. LAMENTE-SE, mas Leminski perdeu seu latim. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 15 dez. 1985.

JORNAL DO Escritor. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 12, 22 out. 1969.

KONDER, L. OS ASPECTOS mais sutis da trajetória de Trotski. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 11, 07 dez. 1986.

LIMA, R. M. POESIA porosa. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 6, 23 mar. 2013.

LINDOSO, F. (Org). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus: Itaú Cultural, 2007.

MARIA, L. JESUS SOB a óptica de Paulo Leminski. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 03 jun 1984.

MARTINS, W. A ARTE da imitação. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 4, 28 ago. 1999.

MELO, J. M. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PAULO LEMINSKI lança uma obra de reficção. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. 17, 28 nov. 1984.

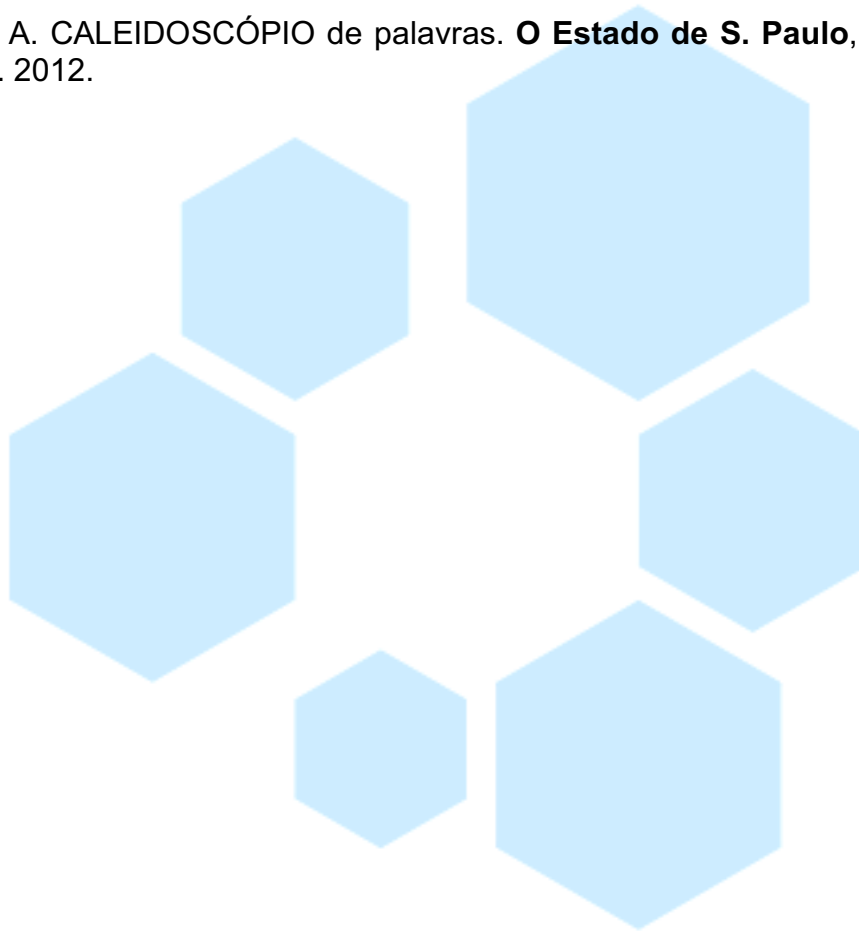
PY, F. ESTILHAÇOS que o leitor poderá remontar. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 7, 30 dez. 1984.

TELES, T. A DISTRAÇÃO no enigma poético. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 11, 5 jul. 1987.

TRIGO, L. ESTRELA DE brilho forte que incandesceu rápido. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 4 16 jun. 2001.

VALE, D. O ROMANCE-FUGA de Paulo Leminski. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 03 fev. 1985.

VILLAÇA, A. CALEIDOSCÓPIO de palavras. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. S3, 3 mar. 2012.



Recebido em 27 de outubro de 2017
Aprovado em 10 de março de 2018